

# Gazeta do Sertão

### ASSIGNATURAS.

Na Comarca

Anno..... 6\$000  
Semestre..... 3\$500  
Pagamento adiantado

### Orgão Democrata.

DIRECTOR : - Irenêo Joffily.

Fundadores :- I. JOFFILY e F. RETUMBA.

Typographia e escriptorio — à "Praça Municipal" n.º 24.

### ASSIGNATURAS.

Fóra da comarca

Anno..... 7\$000  
Semestre..... 4\$000  
Pagamento adiantado.

Campina-Grande, Sexta-feira, 19 de Dezembro de 1890.

### ESPEDIENTE

## Aviso

Aos assignantes que ainda não pagaram as suas assignaturas, pedimos benevolencia, para não sermos obrigados a suspender a remessa da nossa folha.

### Almanak

DEZEMBRO (tem 31 dias)  
SOL em SAGITTARIUS

DOMINGO	1	8	15	22	29
SEG.-FEIRA	2	9	16	23	30
TERÇA-FEIRA	3	10	17	24	31
QUART.-FEIRA	4	11	18	25	
QUINT.-FEIRA	5	12	19	26	
SEXTA-FEIRA	6	13	20	27	
SABADO					

DIA SANTIFICADO 4 e 25

#### PHASES DA LUA:

Ming a 4, nova a 11, crese. a 18, cheia a 26.

#### MEMORANDUM.

Correio a 22 de Dezembro

### GAZETA DO SERTÃO

### TRANSCRIPÇÕES

Do Vigario de Campina-Grande ao Sr. Christiano Lauritzen.

Li com toda attenção um artigo que o Sr. Christiano Lauritzen publicou no —Estado da Parahyba— de 30 de Outubro proximo passado, em que se occupou largamente de minha pessoa, pelo que serei sempre grato a S. S.

Nesse artigo procurou S. S. tornar sobretudo bem saliente uma alliança minha com o Sr. Dr. Irenêo Joffily e ter sido eu injusto por ter protestado contra a fraude havida na apuração da 1.ª seccão desta cidade, da qual fóra S. S. digno presidente.

Isto de alliança faz-me lembrar as tramóias dos antigos partidos da extincta monarchia, que não tem mais razão de ser. Hoje ou se é republicano catholico com a Igreja pela paz, prosperidade e felicidade da Patria, ou se é republicano governista com o provisório pelo atheismo, anarchia e desgraça da Patria.

Amansi ser-se-ha o que Deus fór servido.

No entretanto, a palavra, sem pro-

vas do Sr. Christiano Lauritzen, affirmando uma alliança minha com o Sr. Dr. Irenêo Joffily antepoño minha palavra: não fiz, nem mantenho alliança, pacto ou accordo de qualquer natureza com o Sr. Dr. Irenêo Joffily.

Não é prova, como pretende S. S. o facto de ter eu mandado publicar o meu protesto na *Gazeta* de que é redactor chefe o Sr. Dr. Irenêo Joffily, pois o poderia mandar fazer no *Estado da Parahyba* ou em outro qualquer jornal, como fiz na *Gazeta do Sertão*, sem isto impartir alliança ou pacto algum; porquanto nunca ovi dizer que pelo facto de se mandar fazer uma publicação em um jornal se ficaria *ipso facto* alliado ao director ou redactor-chefe daquelle jornal.

Votei, sim, no Sr. Dr. Irenêo Joffily, como votei em outros candidatos que me eram inteiramente desconhecidos, não em attenção a esses cavalheiros, mas em attenção a quem me recommendou a chapa catholica.

Sabe o Sr. Christiano que, quando foram apparecendo os primeiros decretos do governo provisório oppressores da liberdade da Igreja e da consciencia dos catholicos brazileiros, um brado unânime se fez ouvir de todos os recantos do Brazil contra esses decretos, e que esse brado se concretizou no grande partido catholico, que como por encanto se organisou em qu'asi todos os Estados da grande Republica, tendo á sua frente o illustre e venerando Episcopo brazileiro e sendo abençoado pelo Santo Padre Leão XIII, gloriosam aite reinante. Acontecendo, porem, que o partido catholico não se pdesse organizar neste Estado antes de 15 de Setembro, e não convindo que a eleição desse dia corresse indifferente aos catholicos da Parahyba, S. Exc.ª Rym.ª o Sr. Governador do Bispado e convidou alguns parahybanos illustres residentes em Pernambuco e encarregou-os de organizar uma chapa com nomes de parahybanos infidentes e que se distinguissem pela solidez e sinceridade de suas crengas catholicas.

Organisada a chapa foi nella incluido o nome do Sr. Dr. Irenêo Joffily, que já era bem conhecido pelo Exm.ª Sr. Governador do Bispado como pelos illustres cavalheiros que organisaram dita chapa.

Embora o Sr. Christiano Lauritzen diga que o Sr. Dr. Irenêo Joffily não é catholico, todavia nesta materia, consinta que decline de seu juizo para seguir o daquellas authoridades, tanto maiores quanto nesta materia, é S. S. o menos competente para julgar.

Verdade e que, quando recebi a chapa catholica, senti certa reluctancia por causa de anteriores resentimentos com o Sr. Dr. Irenêo Joffily; mas isto dissipou-se logo que reflecti que não se tratava de interesse particular, nem o Sr. Dr. Irenêo Joffily se recomendava a mim mas era pelo partido indicado candidato e isto bastava para que por elle trabalhássemos em commum.

Muito maliciosamente o Sr. Christiano Lauritzen indicou meu protesto a

aquellas pessoas que não assistiram minhas predicas, no dizer de S. S. —catholico politico— feitas por occasião do triduo que celebrei, por ordem do Exm.ª Sr. Governador do Bispado, nos dias anteriores á eleição, não para que essas pessoas attendessem o mesmo protesto, mas para inocular-lhes no animo a suspeita de que eu, abuzando do decóro devido ao pulpito, pugnassem directamente pela candidatura do Sr. Dr. Irenêo Joffily ou mesmo de outro.

Não, durante o triduo fallei, é certo, mas da Igreja, suas notas ou caracteres, do amor que todo catholico deve ter á mesma Igreja, da obediencia que lhe deve prestar, insistindo em todas as predicas no dever que tinha o elector catholico de votar em candidato que se recommendasse por suas crengas e pelo amor á Igreja catholica, sem nem de leve declinar o nome de se ou daquelle candidato por mais sympathico que me fosse.

Accusa-me o Sr. Christiano Lauritzen de ter sido injusto para com meus amigos qualificando-os de falsificadores de actas.

Pensei que S. S. não se recordaria mais do dia 15 de Setembro, e que repelleria a lembrança desse dia como um horroroso phantasma.

No entretanto para aquelles que sem razão duvidaram da fraude havida na apuração da primeira sessão desta cidade, de que era o Sr. Christiano Lauritzen digno presidente, e que não foram testemunhas do clamor e indignação publica por causa da mesma fraude, ali estão, como prova incontestavel e peremptoria, os documentos publicados na *Gazeta do Sertão* do dia 19 de Setembro sob n.º 37.

Finalmente, quanto o entender o Sr. Christiano Lauritzen que eu me allieei ao Sr. Dr. Irenêo Joffily por temer calumnias ou injurias feitas pela *Gazeta do Sertão*, é uma infamia tão revoltante que eu não posso deixar de com toda energia repellir, lembrando ao Sr. Christiano Lauritzen: Quem tem dignidade não fere a dignidade alheia.

Campina-Grande, 6 de Novembro de 1890. — Vigario Luiz Francisco de Salles Pessoa.

### ARTOS E LETRAS

#### A boa mulher

(CONTO NORUEGUEZ)

Era uma vez um sujeito que se chamava Pancracio; morava em um sitio isolado e em um morro muito longe d'aquí: por isso o denominavão Pancracio do Morro.

Tinha Pancracio uma excellente mulher, cousa que ás vezes acontece; mas o que é mais raro, conhecia o valor de semelhante thesouro. Assim viviam em profunda paz os dous esposos, desfructando a sua fidelidade, sem enarem da fortuna ou do tempo. Tudo quanto o Pancracio fazia, a mulher já tinha pensado e desejado, de sorte que em nada ella podia mexer na casa sem que o consorte lhe agradecesse o ter-lhe advinhado e prevenido as vontades

Amena-se lhe deshsava a existencia. Era delles a fazenda, tinham com moedas na gaveta e duas vaccas no curral. Socegados podiam se vivendo sem temer da fadiga e da miseria, sem que houvessem de carcer de allieia sympathia ou compaixão.

Uma noite conversando acerca de seus trabalhos e projectos, disse ao marido a mulher do Pancracio:

—Amigo, tenho uma idéa; bem podia você tomar uma vacca e ir vendel-a na cidade; a que conservamos chegará para nos dar manteiga e leite. Que necessidade ha de fatigarmos para os outros? Dorme na gaveta o diabinheiro, não temos filhos—e não seria melhor pouparmos estes braços que vão cansando?

Pancracio achou que a mulher tinha razão, como sempre; e logo no dia seguinte foi a cidade com a vacca, para vendel-a. Mas não era dia de feira, enão encontrou quem lha quizesse comprar.

—Bom! disse: todo o mal se resume na massada de tomar a levar a vacca. Felizmente não falta capim, e o bicho não morre e a no curral.

Ao cabo de algumas horas e sentindo-se algum tanto fatigado, topou com um homem que conduzia o seu cavallo.

—O caminho é comprido e a noite está a cair, pensou Pancracio: no fim de contas é uma anulação se puchando pela vacca, e ter novamente de trazer a amanhã. Este cavallo foi um achado. Vend-me nelle encarpitado, como imperador romano, bem contente ficará minha veia.

Assim reflectindo, fez parar o homem do cavallo e concluiu uma barganha, dando em troca a vaquinha.

Logo que montou, principiou a arrepende-se. Pancracio era velho e pesado, o cavallo era novo, esperto e passarilheiro; meia hora depois o cavalheiro caminhava a pé puchando com grande esforço o animal que se empinava de vez em quando.

—Ruim negocio, murmurou consigo o Pancracio... Etal dizia quando deu com os olhos em um camponez que diante de si tocava um porco muito gordo

—alás vale um prego util do que um diamante que para nada serve; ponderou Pancracio; minha mulher sempre o repeto.

E trocou o cavallo pelo porco.

Era feliz idea—porque o bicho estava com efeito gordo porem de tal maneira que não queria andar. Pancracio lallou, chorou e ruggu-jou... Nada!

Estava desesperado quando alli passou outro camponez com uma cabra que, com o ubre repleto de leite, saltava, corria, cabalava com a maior vivacidade.

—Eis o que me convem! exclamou Pancracio. Vou trocar por este alegre e petulante animal a enorme e ignobil massa de baba que tão penosamente me faz sentir a sua mercia.

E realmente effectuou a troca.

Tudo foi ás m. m. ravilhas durante uma meia hora. A cabrita levava apes si o Pancracio, obrigado-a a trepar nos rochedos, o que elle fazia com joviacs gargalhadas; em

tudo, muito não tardou que não o aborrecos-  
so taes extravagancias, e então lhe acudiu a  
idea de realisar mais uma permuta—a da  
cabrita por uma ovelha.

Mais adiante se lhe deparou ensejo de fa-  
zel-o.

Bem, pensara o Paneracio; mas a ovelha  
separada do rebanho, portou por voltar ao  
meio das companheiras e berrava desespera-  
damente. Com isto se enfiou o nosso ho-  
mem:

—Quem me livrará, disse alto, desta abor-  
recida e estúpida alimaria? Barato a vende-  
ria só para me ver livre della.

—Vamos com isso, contestou um transe-  
unte. Aqui está um ganso magnifico, e que  
muito mais vale do que este carneiro que  
não tarda a rebentar.

—Esta feito, disse Paneracio... Antes  
ganso vivo do que carneiro morto.

E tomou o ganso embaixo do braço.

Que pessimo companheiro do viagem! Agi-  
tava pés e azas, e machucava com o bico o  
pobre Paneracio, que chegando à primeira  
fazenda, deu o ganso e em troca recebeu um  
bonito gallo, de crista rubra e variegada pul-  
magem.

Parecia tudo arranjado, mas, cahindo a  
noite entrou o viajante a sentir fome e frio.  
Urgia adoptar heroica resolução. Em uma  
taverna vendeu o gallo por um escudo, e tudo  
gastou a comer e beber.

—Para que me serviria o gallo—reflectia  
elle—se acaso eu morresse faminto ou res-  
friado?

Perto de casa o Paneracio passou revista  
aos seus feitos d'aquelle dia, e, antes de en-  
trar em casa, parou à porta do visinho Tautol-  
pho.

—Compadre, perguntou-lhe este, como lhe  
foram os negocios lá pela cidade?

Paneracio, meio envergonhado, relatou a  
sua triste historia.

—Visinho, disse Tautolpho, você está em  
apuros, e aposto eu como da comadre vai  
chuchar a mais terrivel descaldadura.

—Fugava-se... Minha mulher é tão boa  
que durá por bem feito tudo que liz.

—Duyido!

—Affirma!

Teimaram os dous e terminaram apostan-  
do vinte escudos.—

Tautolpho em como pela mulher seria mal  
recebido o Paneracio; e este em sentido con-  
trario.

—Entrou o Paneracio em casa e á porta,  
espreitando e ouvindo, ficou o Tautolpho.

—Mulher, disse o viajante, não achei quem  
me quizesse comprar a vacca e troquei por  
um cavallo.

—Apoiado, respondeu ella, ha muito que  
d'elle precisavamos para abreviar as nossas  
ganjinhas. Vamos pol-o na estribaria.

—Não o trouxe, pois o barganhei por um  
bello porco.

—Exactamente como eu fazia!

A vizinhança havia de dizer que o cavallo  
era um laxo. O porco, sim, diz melhor com  
gente da nossa condigão. E' preciso mettel-o  
já no chiqueiro.

—Mas é que em lugar deste arranjei uma  
cabra.

—Uma cabra! Melhor ainda.

O porco somente serviria para se comer, e  
poderia alguém expobar nossa glotoneria.  
A cabra, não; produzirá cabritinhos e ha de  
augmentar-nos a fortuna. Onde está ella?

—Ficou em meio de caminho; quando a  
substitui por uma ovelha.

—Que ajuda é mais util, pois fornece lá;  
que terci para fazer roupa.

E' verdade, mas também troquei-a por um  
ganso.

—Bom marido! recejastes dar-me que fa-  
zer com tanta la! Ao ganso basta arrancar  
as pennageas, e mais tarde comel-o com  
peroz.

—Sim; mas é que em vez do ganso delibe-  
rei fazer-te um gallo.

Excelente para as nossas galinhas! Acor-  
dar-nos ha de madrugada e só isto dispensa  
o relógio.

—Tambem não tenho mais o gallo, mu-  
lier... Vendi-o para comer no meio da jor-  
nada...

—Louvado seja Deus, que bem fizestes!—  
reterquiu a caseira. Não cantando o gallo,  
dormiremos mas um pouquinho pela ma-  
nhã. Alem de que, a tua saude antes de tudo.

—Compadre, disse a Tautolpho, venham  
de lá os vinte escudos.

E o Tautolpho passou-lhos murmurando:

—E' verdade! Quem tem uma boa mulher  
nunca se reputa desgraçado... Em casa e  
com meigas palavras ella pode remediar to-  
dos os contratempos e dissabores de que pe-  
los caminhos da vida um homem se vê ac-  
committido.

### Conferencia realisada pelo cidadão José Leão na Sociedade de Geo- graphia do Rio de Janeiro

(Continuação)

Essa ligação das estradas do norte  
não poderá ser feita partindo de Alagoas,  
nem de Pernambuco, nem da Parahyba,  
como já vimos, nem do Ceará,  
porque se tornaria particular a um des-  
ses estados, alem das difficuldades ma-  
teriaes que encontra; deve ser feita com  
proveito para, isto é, deve, partindo de  
um porto do mar, interessar todos elles  
e o traçado indicado é o que mais con-  
vem, já pela natureza do terreno a a-  
travessar, já pelas necessidades da  
zona percorrer.

A estrada de Macão ao rio S. Fran-  
cisco corta o Rio-Grande do Norte, a  
Parahyba, Pernambuco, attinge a Ba-  
hia, terminando á pequena distancia do  
Ceará, Piahy e Alagoas, a que se liga  
pela Paulo Afonso, e assim ao sul do  
Brasil, pela navegação fluvial até o rio  
das Velhas e a estrada de ferro Central,  
que vem á capital e a prende aos outros  
estados do sul através de Minas e S.  
Paulo.

Não ha duvida que a actual ligação  
interessa ás capitães nortistas, mas está  
longe de satisfazer o plano geral da  
ligação pelo interior com os estados do  
sul.

Foi tendo em vista esse melhora-  
mento social que eu me abalancei nos dados  
da questão, e, concedendo daquella re-  
gião, fiz os estudos indispensaveis ao  
traçado de uma linha ferrea que interes-  
sasse não só ao men, como ao estado  
da Parahyba, Pernambuco e Bahia,  
tendo mais a grande vantagem de ser-  
vir de vehiculo, ao abastecimento dos  
mesmos e outros mais pelo sul do Assú,  
que daria para supprir toda a America.

Insisto em que é essa a unica solução  
logica. Se se tratasse de ligar tão somen-  
te o valle do Parahyba, no Piahy, ao  
valle do S. Francisco, em Alagoas atra-  
véz dos differentes estados de Pernam-  
buco, Parahyba, Rio-Grande do Norte  
e Ceará, por esta forma unidos, de na-  
da serviria prolongar as estradas exis-  
tentes communicando-as entre si, des-  
de que esse prolongamento não traria  
augmento de renda sensivel, porque não  
haveria que exportar nem que importar,  
além de um ou outro passageiro que te-  
messe as refregas do enjão.

Quando não houvesse a causa da im-  
possibilidade que indiquei, para que  
procurar fazer uma rede de arame em  
torno da costa, ligando as estradas de  
ferro, quando ha entre os estados uma  
communição regular feita pelos por-  
tos do mar, communicação que, ao con-  
trario do que resultará da que se pre-  
tende estabelecer, faz ganhar dupla-  
mente, triplemente, no percurso a se-  
guinte?

Ha um exemplo muito proprio para  
demonstrar isto. Se eu quizesse ir á

praia de Santa Luzia, partindo da pra-  
ça de Quinze de Novembro, antiga de  
Pedro II, e tomasse um dos carros das  
companhias urbanas, no ponto das bar-  
cas e depois outro da companhia de S.  
Christovão na praça Onze de Junho, a-  
travessasse o tunel do Rio Comprido  
para sair nas Laranjeiras e dali diri-  
gisse-me pelos bonds da companhia do  
Botafogo até o ponto desejado, fal-o-hig  
muito mais depressa se, em vez disso,  
tomasse um barco e desse a volta pela  
ponta de arsenal de guerra e chegasse  
na decima parte do tempo, e só a con-  
templação do espectaculo da cidade me  
faria achar preferivel o primeiro meio  
de transporte ao segundo.

As capitães de Pernambuco, Parahy-  
ba, Rio-Grande do Norte e Ceará estão  
ligadas já por uma navegação costeira  
regular.

A viagem de Natal á Parahyba se faz  
em 8 horas; entretanto que pela estrada  
de ferro, dado que sejam vencidas as  
difficuldades da perforação das serras e  
dos estabelecimentos das pontes, levará  
dous ou trez dias, e assim em relação a  
outros estados.

A necessidade de pôr em communica-  
ção esses estados já está attendida, e  
nenhuma razão tem o governo para pro-  
curar fazer a ligação daquellas estradas  
de ferro de preferencia á ligação geral,  
quando ellas não offerecem probabilidade  
de renda superior á despeza.

A lei Costa Pereira, como se sabe,  
garantia 7% ás estradas de ferro que  
produzissem pelo menos 4%, e está  
demonstrado que todas ellas não dão para  
o custo, tendo o governo de pagar in-  
tegramente a garantia a que se com-  
prometteram, aos capitalistas inglezes,  
embora a logica fosse esta: rescindir o  
contracto, uma vez provado que a es-  
trada não dava os 4% de renda, con-  
dição necessaria para se fazer effectiva  
a garantia.

Uma voz:—Mas a ligação dessas es-  
tradas de ferro, atravessando outras  
zonas, pode de alguma forma trazer  
maior produção. E' preciso calcular-se  
isto; muitas vezes, percorrendo-se uma  
grande distancia, vai-se buscar produ-  
ctos que acham sahida por esse meio  
de transporte.

O Orador:—Esta observação é sim-  
plesmente nascida da falta de esclareci-  
mentos sobre essas estradas, que foram  
concedidas para uma especulação, para  
a venda dos privilegios, explorando-se  
certos e determinados valles. Ora, estes  
valles já estão explorados, não ha que  
esperar mais nada, e o que se iria es-  
tabelecer era uma rivalidade, um con-  
flito, entre os diversos estados, procu-  
rando uns chamar para seus portos os  
productos de outros.

(Continúa)

### GAZETA DO SERTÃO

CAMPINA-GRANDE, 19 DE DEZEMBRO DE  
1890.

### O ministro das finanças

Fulgamos de ver que o nosso juizo a  
respeito do estado financeiro do paiz é  
o mesmo do Pequeno Jornal, da Bahia,  
como se vê do brilhante artigo que se  
segue.

Por telegramma da capital federal sabe-se  
que o ministro da fazenda deseja conceder  
aos bancos a omissão de mais duzentos mil  
contos do papel moeda, para superabundar  
a circulação monetaria deste genero.

Não pode haver mais falta de patriotismo  
do que concorrer maliciosamente para a de-  
preciação do valor de nossa moeda, levando  
destarte o paiz ás fauces do abysmo da ban-  
carota.

Depois do sr. Ruy virá necessariamente o  
dibvio.

Todos os economistas se pronunciam com  
energia contra o papel moeda, isto é, a mo-  
eda fiduciaria do Estado, ha uma cousa  
mais nociva, mais condemnavel do que este

agente; é a moeda-papel, isto é o titulo ban-  
cario, sem a obrigação da restituição em ou-  
ro quando o portador accede ao troco.

A reacção ha de vir, e o sr. Ruy terá então  
a maldição deste paiz inteiro; porque a cri-  
se ha de ser tremenda.

Em vez de aprendermos banalidades e co-  
piarmos o que não devemos da Republica  
Argentina, antes estudaremos o que está se  
passando na bolsa de Buenos-Ayres, onde o  
ouro está com o agio enorme, fabuloso, subiu  
a 370,0 que em nossa moeda importa 328803.

Isto ainda não é nada, o que assusta é que  
esta crise prevista e conhecida no seu curso  
ascendente, não conhece paradiro, ainda  
mesmo consultados os homens praticos do  
paiz, e os grandes economistas como Paulo  
Beaulieu.

Tudo isto foi a consequencia de medidas  
financeiras semelhantes ás que o sr. Ruy  
está pondo em execução.

Estas concessões irreflectidas a bancos pa-  
ra emissão de bilhetes só pagos ao portador  
de conformidade com o decreto de março,  
isto é, quando o cambio estiver a 27, e um  
verdadeiro acto de loucura, pois importa o  
curso forçado para estes bilhetes bancarios.

E se, incontestavelmente, é prejudicial e  
inconveniente o papel-moeda quando o Esta-  
do não tem lastro metalico, o que não será o  
papel bancario com curso forçado, depositan-  
do em ouro apenas 50% sobre o valor emet-  
tido, e quando o governo criminosamente já  
lançou mão deste deposito, e deu curso força-  
do ao papel-moeda?

A experiencia cada dia demonstra mais a  
procedencia da lei de Gresham, isto é, que a  
moeda fraca expelle a moeda forte ou por ou-  
tra que o excesso da moeda papel expelle o  
ouro do mercado, em virtude desta lei o ou-  
ro que ha um anno procurava as praças do  
Brazil regressa para allanqua e dentro de  
seis meses teremos seria crise—pela pro-  
cura do ouro para pagamento dos direitos  
aduaneiros, e como consequencia da politica  
financeira do sr. Ruy, que quanto mais lo-  
menos aprende, será:

1.º Determinar que o pagamento dos di-  
reitos das alfandegas poder-se-ha fazer em  
papel, pagando-se o agio do ouro, o que é na  
essencia um novo imposto, tanto mais oner-  
oso quanto mais moavel estiver, pois terão  
os importadores de pagar dez vinte, trinta e  
até cincoenta por cento, conforme o cambio;  
—e como corollario a importação ha de dimi-  
nuir e o commercio importador entrará em  
uma phase de desoladora crise.

2.º Não tendo o Estado o lastro em ouro de-  
positado pelos bancos para restituir aos que  
delle precisar por quebra, liquidação, crise  
ou outra coisa, ha de dar curso completa-  
mente forçado aos bilhetes bancarios ou terá  
de emittir papel moeda, para os bancos li-  
quidarem, substituindo a moeda fiduciaria  
do Estado pelas notas dos bancos.

3.º O cambio ha de baixar em uma marcha  
certa e inadiavel.

A verba differença de cambio ha de se a-  
volumar, pois que estão gastos os cincoenta  
mil contos que o sr. Ruy encontrou em Lon-  
dres, e o Estado virá como outrora concor-  
rer ao mercado em busca de cambiaes, para  
satisfazer os nossos compromissos em Lon-  
dres.

4.º O Banco dos Estados-Unidos do Brazil  
(Beu) terá outriquecido a commandita, mas  
nesta crise ha de quebrar, e lançará tudo  
sobre o largo costado do Estado.

E como consequencia de tudo isto, o paiz  
cahirá no abysmo da bancarota, como cahiu  
a França em 1720, na regencia, com os as-  
signados de eel-bre Law, cujas ideas errone-  
as conseguio pôr em pratica, produzir a prin-  
cipio bons resultados, mas aniquillar-se afi-  
nal, tendo de evadir para escapar a furia dos  
prejudicados.

Teve este audaz banqueiro quem cem an-  
nos ao depois escrevesse uma obra demons-  
trando que elle errou mas era homem de boa

fe, porque entrou rico e saiu pobre da empreza; o sr. Ruy, porém que hoje é alvo de manifestações, adrede preparados, ha de ter no futuro quem escreva esta obra—foi o brasileiro mais prejudicial a sua patria.

Esta nossa asserção não é porque o sr. Ruy tenha de emitir mais duzentos mil contos de moeda papel, porque até duvidamos que s. exc. commetta ainda esta loucura.

Se assim nos enunciamos é pelos decretos de 17 de Janeiro, pelo decreto de 7, 8 e 10 de Março, pela cobrança em ouro dos direitos aduaneiros, pelo grande banco hypothecario, pela conversão *maugré* das apolices, pelo resgate do emprestimo de \$3, e por esta serie de absurdos, monstros financeiros, que girão sobre um eixo, o interesse pessoal do ministro, que está rico e é um nababo.

Não se admirem da violencia destas expressões, porque a opinião publica bem sabe e conhece os emissarios que foram ao Rio e conseguiram emissões para os Bancos deste Estado, concessões como esta de bater moeda só convertivel quando, o cambio estiver ao par, não se fazem de graça.

Entre as manifestações preparadas pelos felizes interessados e os fructos das concessões e das medidas financeiras do actual ministro da fazenda, terá a posteridade de lançar o seu *verdictum*.

O que podemos adiantar é que camilhamos para uma crise semelhante a que flagella actualmente a republica Argentina.

**Cão e La**

O que ha de novo pelo Rio?

É a pergunta que se ouve sempre e por toda parte, desde que duas pessoas conhecidas se encontraram.

Tenho me visto atarantado para satisfazer a curiosidade de muita gente, que de bom coração vota este governo ao diabo.

—Dizem que o Deodoro foi demittido?! pergunta um.

—O Deodoro foi morto pela marinha? pergunta outro.

—É o Ruy Barbosa dizem que está pedro de rico?

—O Venancio?

—Como vai o congresso?

—Isto não acaba bem! Não é possível que continuem tantas ladrocinhas desde o ministro até o Christiano com a sua intendencia!

Assim continuam as perguntas e os conceitos. Responder quarenta ou cincuenta vezes em um só dia á tantas questões, é trabalho superior ás minhas forças e a de qualquer christão.

Nessa curiosidade geral eu encherigo o instinto do povo annunciando cedo ou tarde a queda ominosa da oligarchia que pesa sobre o paiz; e parece que em todo Brazil é um só o pensamento geral da população.

Em Pernambuco o *Pequeno Jornal* organo republicano do Dr. Martins Junior diz verdades duras como esta: « a DICTADURA DO SR. DEODORO É A PEIOR DAS MONARCHIAS CONHECIDAS.

Sí ha admirar como os monarchistas não vivem cheios de enthusiasmo por seu velho correligionario.

Nós não fazemos mysterio: o que vemos é a *rezação de qualquer governo moralisado.* »

No Rio de Janeiro, o chefe republicano Dr. Barata Ribeiro, em um nota-

vel manifesto, trovejou contra os demandos do governo provisorio.

No Rio-Grande do Sul, um militar o general Visconde de Pelotas, declara que o maior mal do Brazil é esta dictadura militar.

Nestas circumstaacias não posso deixar de formular tambem por minha vez uma pergunta.

Se o governo não conta com o partido republicano historico, não conta com o partido catholico, nem com o nacional ou moderado; com quem conta então?!

A isto responde o citado *Pequeno Jornal*: conta com—o rebultho de todos os partidos, a massa dos ambiciosos que estão sempre com todos os governos.

É essa a gente que governa o paiz.

Em vista da opinião do organo do partido republicano de Pernambuco não ha a menor duvida, que o povo tem rasão em querer ver-se livre de semelhantes tratamentos.

O orçamento da despeza geral do Brazil era de 140 mil contos até o anno passado; e actualmente é de 200 mil contos! 60 mil contos de mais no governo republicano!

Isto prova que a *monarchia* do Sr. D. Deodoro 1.º é mais cara do que a do Sr. D. Pedro 2.º.

É o caso de fazermos votos pelo advento da Republica; pois que o celebrado 15 de Novembro não passou de uma farsa em proveito do Sr. Ruy Barbosa no Rio de Janeiro, do Sr. Venancio na Parahyba e do gringo Christiano em Campina.

Na phrase do *Pequeno Jornal* o partido do Sr. Venancio neste estado, denomina-se—partido do rebultho.

Sendo assim o nosso carecamano Christiano é o chefe dos rebulthos de Campina-Grande, assim como o *Ló* é o chefe dos rebulthos de Patos.

O nome parece que quadra bem. Pegará?

*Indio Cariry.*

**VARIETADES**

**As mulheres**

Não ha mulheres feias. Encarregou-se um americano de o provar.— « Declaro com toda a sinceridade, diz elle, que nunca achei uma mulher feia.— Talvez isto pareça um paradoxo, mas acreditado que é a pura verdade. Um dia, defendia eu esta these n'um auditorio, composto exclusivamente de damas, e asseverava que todas as mulheres eram anjos sahidos do céu. Uma dellas, de nariz chato e esbarrachado, encarando-me, perguntou-me si tambem a considerava anjo do céu: Sem duvida, minha senhora, respondi promptamente, com a simples differença de que v. exc. cahiu de nariz para baixo.

Um francez vendo uma porção de castanhas em uma taverna, perguntou: —*Comment s'appelle ça?*

—Como-se com sal, respondeu o taverneiro, mas não se pella, quebra-se.

—*Comment?*

—Sim, com a mão, ou com outra qualquer cousa.

—*Je ne comprend pas du tout,* replicou o

francez aborrecido.

—Não precisa comprar tudo, leve as que quizer.

—*Je ne comprend pas,* concluiu o francez retirando-se.

—Pois si não queria comprar, não viesse cá me aborrecer.

**GAZETILHA**

**A Tribuna** — No dia 29 de Novembro p. passado este importante organo da Capital Federal, que tão brilhante opposição tem feito ao governo, foi victima de um horroroso attentado.

A's 8 horas da noite uns vinte homens desarmados e armados invadiram o edificio no pavimento terreo e primeiro andar e tudo destruíram. Houve luta, resultando diversos ferimentos.

No segundo andar, onde estavam as machinas de impressãe e a sala de composição não puderam penetrar os assaltantes, pela resistencia que encontraram por parte dos typographos.

O damno causado foi avaliado em oito contos de reis.

Esse acto de vandalismo causou a maior impressão no publico; e toda a imprensa se occupa delle, parecendo certa a connivencia da policia; e é talvez envergonhado e levado pela reprovação geral que o ministerio reuniu-se em conferencia resolvendo:

Que seriam empregadas todas as medidas para severa punição dos autores do attentado; e garantir desde já a *Tribuna* a continuação de sua publicação com perfeita liberdade.

**Estrada de ferro**

Chegou no dia 13 do corrente á esta cidade, o engenheiro Dr. Costa Real, acompanhado, segundo consta, do pessoal necessario aos estudos do prolongamento da via-ferrea até a villa do Batalhão; para onde seguiu hontem.

Ao mesmo tempo corre o boato, que o governo ia mandar fazer administrativamente o prolongamento de Mulungú até esta cidade.

Se Campina ainda não tem estrada de ferro, para que este estado d'aqui para a villa do Batalhão.

Tanto estudo e nada de realidade!

É por isto que o povo já perden a fé.

Entretanto o general Almeida Barreto goza de tanto prestigio, que, se quizer, pode alcançar sem demora a construcção da estrada para aqui.

É este o grande serviço que desejamos que elle preste á Parahyba.

**Cruzeiro** — Este importante organo de publicidade da Capital Federal transcreveu em suas columnas de honra os nossos dois artigos com a epigraphe — *Partido Catholico* —

Penhora-nos sobremodo tamanha distincção.

**Primeiro meridiano** — Estão-se fazendo as convocações para a realisação em Roma de um novo congresso do meridiano. Trata-se de escolher definitivamente o primeiro meridiano universal. Esta questão se debate muito, não se tendo, porém, podido chegar a um acôrdo sobre a adopção de um dos meridianos mais accitos e já propostos — Greenwich, Paris, ilha do Ferro, Pico, etc. Agora apparece a ser discutida a proposta do meridiano de Jerusalém e ha muita probabilidade de vir elle a ser accito por todas as nações.

**Que liberdade!** — Foi recolhido preso á fortaleza da Lage o coronel de estado maior José Pereira da Graça, por haver felicitado a *TRIBUNA* pelos seus artigos sobre a questão das missões.

A ordem de prisão foi assignada pelo sr. ministro da guerra.

**Estados-Unidos** — O recenseamento da Republica dos Estados Unidos da America do Norte, começado a 1 de Junho deste anno, já deu a seguinte apuração para algumas das cidades mais populosas da União. Tiramos os Algarismos de uma tabella publicada em *A Emigração*.

	POPULAÇÃO	
	1890	1880
Nova York ..	1.627.227	1.206.290
Chicago ..	1.306.000	503.185
Philadelphia ..	1.040.420	847.170
Brooklyn ..	806.583	566.663
Baltimore ..	432.095	332.313
St. Louiz ..	430.000	450.518
Boston ..	417.720	362.839
Cincinnati ..	315.000	255.139
San Francisco	300.000	233.959
Pittsburg ..	250.000	156.389
Buffalo ..	250.000	155.134
Cleveland ..	248.000	160.146
Nova Orleans ..	246.000	216.090
Vilwankee ..	235.000	115.587
Washington ..	228.160	147.293
Minneapolis ..	185.000	46.887
Louisville ..	180.000	123.758
St. Paul ..	130.000	41.473

Por esta tabella vê-se que a União norte americana tem, como a Europa toda, treze cidades com população superior a um milhão. E a respeito de Nova York deve-se dizer ainda que, se a população da cidade propria se accrescentarem as de Brooklyn, Jersey City, Hobokem, e outras cidades, que se acham todas dentro de um raio de menos de dez kilometros do centro da cidade de Nova York e realmente formam com ella, em sentido commercial, industrial e social, uma só cidade; e que são todas ligadas á cidade central por diversas linhas de barca ferry, além da ponte grande que liga Brooklyn a Nova York, a população toda subirá de certo a mais de tres milhões.

**Recenseamento**

Consta-nos, que um dos recenseadores exige 2\$000 para encher cada lista de familia.

Não será isto um abuso? Se não houver providencia será pessimo o recenseamento nesta comarca.

**Monstro?** — Em Araras foi vendido um porco que pesava trezentos kilos pela quantia de 200\$000.

**Registro de cidade** — De viagem a villa da Princesa para a capital deste estado, passou por esta cidade, no dia 16 do corrente, o Dr. Argemiro de Sousa.

Somos gratos pela visita que nos fez.

**BOLETIM COMMERCIAL**

Feira de Itabayama em 16 de Dezembro de 1890.	
Bois recolhidos aos curraes . . . . .	1100
Vendidos . . . . .	950
Regulando o kilo da carne	a 280 rs
Destino	
Pernambuco . . . . .	500
Seguiram para a Parahyba . . . . .	50
(diversos) . . . . .	400
Sobras . . . . .	150
	1100
Feira de Campina, 19 de Dezembro do 1890.	
Houve 450 bois.	
Pela estrada do Siridó . . . . .	450
« « das Espinharas . . . . .	200
Cariry . . . . .	100
Sobra da feira passada	00
Mercado de Campina em 13 de Dezembro de 1890.	
Millão . . . . .	\$500
Feijão . . . . .	1\$200
Farinha . . . . .	\$600
Carne secca . . . . .	\$600
Dita verde . . . . .	\$280
Rapadura . . . . .	5\$000
Couro de bode . . . . .	1\$00000
Sola . . . . .	5\$000

